

A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA.

Daniela Emilena SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA ¹

RESUMO: A religião tem sido um dos dispositivos de construção de subjetividades, e isso influencia na adoção de práticas concretas pelos homens. Nesse texto pretendemos apresentar uma dessas construções, fundadas na Religião. Nesse texto, enfatizaremos a perspectiva de Mulher difundida pela Igreja Presbiteriana Independente por meio da Revista Alvorada. A pesquisa retratada nesse trabalho foi construída com base na análise de duas revistas produzidas pela Igreja em questão nos anos 70, considerando a produção dos artigos, imagens e uma análise global dessa mídia impressa. A análise nos permitiu concluir que pela Revista foi difundido o perfil da mulher que deveria ser preparada para o casamento heterossexual, maternidade e para o trabalho doméstico, o que entra em contraste com os movimento feministas e a reivindicação de direitos de igualdade feminina que estavam presentes no Brasil nesse contexto.

Palavras-chave: Mulher. Religião. Anos 70. Revistas Femininas. Representação.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo realiza uma discussão sobre a perspectiva da Mulher difundida nos anos 70 pela Igreja Presbiteriana Independente no Brasil usando como referência para a pesquisa a Revista Alvorada. A Revista Alvorada foi criada no ano de 1969, e inicialmente recebeu o nome Igreja da Mulher Presbiteriana. Nos anos 70 a Revista alterou sua nomenclatura para Revista da Mulher. Nos anos 90 passou a ser nomeada Revista Alvorada e no fim do ano de 2016 alterou novamente seu nome para Revista Vida e Caminho. Essas alterações, de acordo com o nosso entendimento vem do objetivo de conseguir alcançar um público maior, além da Mulher vinculada a Igreja Presbiteriana Independente e destina-se a todas outras mulheres que se interessem pela Revista.

Nesse sentido, para esse texto, definimos por apresentar a análise que realizamos de duas revistas² produzidas nos anos 70, uma vez que não há como,

¹ Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira é Assistente Social, Mestre em Psicologia pela Unesp, e, Mestrando em História pela Unesp, campus Assis-SP. E-mail: santiago.dani@yahoo.com.br

em um texto dessa natureza apresentar todas as revistas produzidas nos anos 70. Utilizamos como referência os artigos produzidos nas revistas, assim como as imagens de capa, imagens internas e publicidade disponível nas Revistas analisadas.

No texto, inicialmente, apresentaremos algumas colocações que nos permitem compreender como era difundida, em grande parte da sociedade brasileira, a imagem feminina. Na sequência, apresentaremos a representação contida nas revistas analisadas.

2 OS ANOS 70, A MULHER BRASILEIRA, E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA REVISTA ALVORADA

É basal que compreendamos o contexto histórico a que estamos nos referindo. Ou seja, não há condições de uma análise na perspectiva difundida pela Igreja Presbiteriana por meio da Revista Alvorada se não considerarmos as questões estruturais e que serviram de pano de fundo para a grande parte dos acontecimentos sociais e políticos que influenciaram sobremaneira a mudança na organização familiar. Começaremos esse item apresentando essas colocações.

2.1 O Movimento Feminista e os anos 70 no Brasil

O Movimento Feminista teve suas bases iniciais com os movimentos sufragistas iniciados em meados do século XX. Teve como principal defensora Bertha Lutz e pressupunha o direito de voto para as mulheres além de reivindicar também melhores condições laborais. A base inicial do Movimento Feminista é descrita como um movimento ainda conservador, uma vez que não propunha

² Utilizamos como referência para a produção desse manuscrito as Revistas: Jan., Fev., Mar, Ano V – nº. 01, Ano: 1972, com o lema “Retratos de Londrina” e Julho, Agosto, Setembro, ano XI, no.03, ano:1979, essa sem título ou lema na capa.

mudanças tão radicais como o Movimento Feminista que eclodiu no mundo em meados dos anos 60 e 70.

Um importante evento e que demarcou com grande veemência as reivindicações do Movimento Feminista foi a publicação de Simone Beauvoir em 1949 do livro chamado O Segundo Sexo em que a autora promoveu, com grande veemência a denúncia às situações de opressão que afetam grande parte das mulheres no mundo. Esse livro é considerado, como nos indicam Alves e Alves (2013) uma das primeiras representações de expressão do Movimento Feminista em sua fase combativa, dadas as denúncias promovidas. O livro retrata ainda algo que o Movimento Feminista iria se tornar futuramente.

Assim, demarcando o surgimento da organização feminista com uma configuração mais crítica, teremos nos anos 60 as expressões dos Estados Unidos, em que mulheres passaram a reivindicar publicamente, a igualdade de direitos civis, e não apenas o direito de voto como nas experiências iniciais do feminismo do século XX. Nessa época, mulheres de várias classes sociais e das mais variadas etnias passam a se envolver na luta para igualdade de direitos. Essas lutas, iniciadas nos Estados Unidos rapidamente ganharam a Europa e o resto do mundo e surgidas a princípio como reivindicação de efetivação da igualdade de direitos civis, logo passaram a requerer maior igualdade da Mulher em todas as esferas da sociedade (ALVES;ALVES, 2013).

Em 1975 a Organização das Nações Unidas decretou o Ano Internacional da Mulher, e chamou os Estados que a integram a repensar a condição feminina, assim como passou a propor mudanças na forma de enfrentamento às questões que resultavam na vitimização feminina. O fato da ONU decretar o Ano Internacional da Mulher trouxe grande visibilidade às reivindicações até então propagadas pelo Movimento Feminista pelo Mundo.

Já no Brasil, as mulheres partiram para a luta contra a ditadura no início dos anos 70. Inicialmente as reivindicações requeriam abertura política, fim da ditadura e melhora da vida como um todo. Derivando dessas manifestações, que, eram extremamente reprimidas uma vez que vivenciamos no Brasil o contexto ditatorial, tivemos em 1972 a criação do Primeiro Grupo Feminista, em São Paulo. Esse grupo passou a organizar manifestações, reivindicações, palestras e uma série de atividades que visavam rediscutir o papel feminino na sociedade.

Além desse grupo, tivemos, no ano de 1975 em São Paulo, o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista e que visava identificar aspectos sobre a vida da mulher paulista. No mesmo ano tivemos a criação da Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro, que por sua vez, foi influente na criação do Centro da Mulher Brasileira, com sede no Rio de Janeiro e em São Paulo. O Centro da Mulher Brasileira de São Paulo promoveu vários eventos para repensar a questão feminina, e chegou a agregar mais de 3000 mulheres em seus eventos. Os eventos foram a grande tônica do Movimento Feminista brasileiro uma vez que por meio deles foram sendo difundidos, sobretudo em meados dos anos 70, os princípios norteadores do Feminismo Brasileiro.

Nesse contexto dos anos 70 os debates e eventos foram fundamentais e tornaram o Movimento e suas reivindicações conhecidas por toda a população brasileira. Suas vinculações aos movimentos de esquerda e ao Marxismo resultaram em reivindicações além do direito de voto, e passaram a requerer o fim da desigualdade de gênero expressa no ambiente doméstico, na política, no trabalho e em todos os espaços cotidianos em que se manifestavam (WOITOWICZ; PEDRO, 2009).

O Movimento Feminista ganhou maior visibilidade em meados dos anos 70 no Brasil uma vez que nesse contexto temos o processo de abertura política e conseqüentemente do fim da ditadura no Brasil. Nos anos 80 os Movimentos Feministas mantiveram suas reivindicações, porém, agora, orientados a defender as Mulheres nas situações de violência. Nos anos 90 o Movimento Feminista ainda segue na luta e na atualidade. No entanto, nesse texto não apresentaremos aspectos afetos ao desenvolvimento do Movimento Feminista no decurso dos anos uma vez que não é objetivo desse texto.

É importante salientar que agregados ao Movimento Feminista teremos também uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas e que colaboram substancialmente para o surgimento de uma nova cultura sobre a figura da Mulher. Um desses eventos e que foi apontado por Woitowicz e Pedro (2009) como fundamental foi o desenvolvimento da Medicina e, em especial das pílulas contraceptivas. Assim, agora, a Mulher tinha condições, científicas de definir quando e se desejasse ter um filho.

Os autores ainda chamam a nossa atenção para a ampliação da escolaridade e da inserção laboral das mulheres que, apesar de não ser extensiva a

toda a população, colaborou para a mudança de paradigmas em relação à condição feminina na sociedade. Melhor dizendo, essas mudanças colaboraram para a maior aceitação do Movimento Feminista no Brasil.

No entanto, não podemos inferir que toda a sociedade brasileira se conectou as ideias do Movimento Feminista. Antes, no decurso do texto veremos que muitas mulheres ainda mantiveram o padrão feminino de Mulher da família burguesa, e dessa forma, mesmo que inconscientemente, colaboraram para a manutenção de uma perspectiva extremamente agressiva em relação à Mulher. Na sequência, nos aproximaremos dessas colocações.

2.1.1 Casamento e Filhos: a Mulher Ideal retratada na Revista Alvorada

A Revista Alvorada da Igreja Presbiteriana Independente foi criada no ano 1969, em São Paulo. A Revista estava integrada à Confederação Nacional das Senhoras Presbiterianas Independentes, que é uma organização das mulheres leigas vinculadas à Igreja Presbiteriana Independente. Esse órgão possuía como finalidade evangelizar a população brasileira e conquistar o maior número de fiéis possíveis.

A revista seria um dispositivo utilizado pela Igreja, visando assim à evangelização, e também uma uniformização de comportamentos e condutas das Mulheres, ventilando assim uma perspectiva específica do que é ser mulher naquele contexto. No surgimento, entretanto, a Revista recebeu a denominação “Revista da Mulher Presbiteriana”, ou seja, as Revistas que analisamos possuíam como objetivo um público bem específico: a mulher que estava vinculada a Igreja, e visava oferecer a ela referências e condutas de ação.

Analisando a produção pudemos inferir que as capas das Revistas traziam imagens. Na Revista Retratos de Londrina, uma série de imagens da cidade estamparam a capa, ao passo que na revista do trimestre Julho, Agosto, Setembro, de 1979 a imagem ilustrativa foi de uma paisagem de outono, sem indicação precisa de local. Em ambas revistas não há imagens internas e na segunda capa há publicidade para venda de livros religiosos e hinos cifrados. Cada uma das revistas tem uma média de 35 páginas e o material usado para a impressão é um papel

similar ao de jornal, já amarelado pelo tempo de impressão no material que analisamos.

Cabe ainda destacar que todos os artigos produzidos provêm de contribuições voluntárias, via de regra, de pessoas vinculadas à Igreja. A maioria massiva das autoras dos artigos é feminina, mas há uma grande quantidade de textos de autores, e, dentre eles destacam-se os pastores, ou presbíteros. Nas revistas estudadas a grande referência é a Bíblia, e inexistente a citação de qualquer teórico. As considerações demonstram uma série de conselhos, combinados a ensinamentos bíblicos, mas, supomos que houve aceitação do público uma vez que cada uma das revistas apresentou uma tiragem de 4.500 exemplares, lembrando que era uma revista só adquirida mediante assinatura e pagamento prévios. Isso é um marco na produção da época uma vez que conforme nos indica Buitoni (2009) as Revistas Feministas tinham baixa tiragem, uma vez que o grande público feminino ainda não sabia ler e também não possuía condições financeiras para tal.

Bem, podemos observar que na Revista temos grande ênfase ao papel da Mulher que, deveria essencialmente, ser preparada para o casamento, obviamente o casamento heterossexual. A título de exemplo vemos na Revista da Mulher Presbiteriana Independente o artigo do Reverendo Machado Correia, intitulado A Missão da Mulher Presbiteriana, em que ele indica que: “A mulher cristã presbiteriana independente cumpre a sua missão em seu próprio lar, na qualidade de filha, irmã, esposa e mãe”(CORREIA, 1972, p.02), sentença que reforça alguns trechos depois quando salienta:

Além disso, no lar e na Igreja, a mulher convertida e santificada, cumpre a missão de educadora, tanto no magistério da Escola Dominical junto às crianças, aos jovens e adultos, quanto no convívio fraternal, nas reuniões, nos cultos e nos lares (OP.CIT, p.02).

Ou seja, o local da Mulher era no lar, servindo a todos, e para isso, obviamente precisaria ser casada. Outro aspecto que podemos apreender dessa fala é que a mulher deveria servir, auxiliar a todos no lar e mesmo na Igreja. Obviamente que, para isso seria necessário que a Mulher apresentasse caráter e moral ilibada, para servir como referência e exemplo aos demais. Aliás, o casamento parecia ser a única alternativa para as mulheres, que se viam fadadas a recorrer a essa única alternativa para que fossem socialmente aceitas.

O casamento entre homem e mulher aparece como algo natural, algo que não poderia ser evitado. Ambos atores são importantes para que essa instituição familiar consiga dar certo, no entanto, a maior responsabilidade é sempre atribuída à mulher. Na Revista de 1979, no texto: O que é o Esposo é o Pai, sem autor identificado lemos:

O homem, este vagabundo da existência, em parte alguma se sente em sua casa; é um sem-pátria, atirado para o desconhecido. A este destino específico do homem, opõe-se o destino específico da mulher, voltada como está, às coisas do lar. A mulher, mais alma, mais naturezas, mais quietude, mais paz, é quem irá salvar o homem, dando-lhe o repouso de que necessita. O homem, por sua vez, atrai a mulher para as coisas do espírito, para o progresso, evitando a estagnação.

O homem não pode mais ser o dominador, tratando a mulher como serva sem direitos, tanto no lar como na sociedade. O esposo deve tê-la como companheira que lhe dá filhos, como amiga com quem discute os planos ou desabafa suas angústias, como igual nas atividades sociais em prol da comunidade. Para fazer triunfar o reino da liberdade é necessário que, além de suas diferenciações naturais, o homem e a mulher afirmem, sem equívoco, sua fraternidade.

[...] O homem e a mulher, duas personalidades em inter-relação dinâmica conflituosa – pois suas diferentes tendências os conduzem a naturais conflitos – quando sustentados pelo Amor, geram obras criadoras em comum. Principalmente, filhos educados pelos dois, unindo seus ideais, elaborando um novo homem e e uma nova mulher, fusão da criação de cada um deles.

Os cuidados com a saúde física e com a sensibilidade dos filhos, são especialmente confiados à mãe. O pai se encarrega particularmente da inteligência e da vontade.

O esposo “[...] encontra na mulher o regaço materno perdido na infância, que o protege dos momentos difíceis de sua luta no mundo. Torna-se mais adulto pela chefia do lar. (O QUE É..., 1979, p.20)

Novamente vemos que o casamento é retratado e esse casamento é essencialmente, heterossexual. O texto acima ainda nos traz outros elementos ou seja, ao homem compete o espaço público, e a mulher, à casa. O homem sempre temperamental, de personalidade flexível e a mulher inerte, amorfa. Ao homem compete uma vida comum, prazerosa e a mulher compete cuidar para que o ele se sintam bem.

No entanto, desse texto extraímos nosso segundo quesito de debate, ou seja, a necessidade dos filhos. Nos trechos: “O esposo deve tê-la como companheira que lhe dá filhos, como amiga com quem discute os planos ou desabafa suas angústias, como igual nas atividades sociais em prol da comunidade”, “Principalmente, filhos educados pelos dois, unindo seus ideais, elaborando um novo homem e é uma nova mulher, fusão da criação de cada um deles. Os cuidados com

a saúde física e com a sensibilidade dos filhos, são especialmente confiados à mãe. O pai se encarrega particularmente da inteligência e da vontade.”, em que observamos que o fato de ter filhos não parece uma escolha, mas sim algo natural, inerente à figura feminina. Não apenas o fato de ter filhos, mas, também o fato de se ocupar dos seus cuidados, ou seja, todas as atribuições são essencialmente femininas. Ora, com tantas atribuições não era de causar espanto o fato da mulher permanecer apenas em casa.

Reforçando a importância da maternidade, na Revista de 1972, na seção denominada: “Galeria das Heroínas da Fé”, temos um texto bastante sintomático. O texto está sem autor que o assina, mas nele vemos a descrição de uma mãe, tida como referência. No texto lemos:

[...] é essa mãe que poderia servir de mãe-símbolo no tocante ao seu desprendimento, no doar-se a cada minuto sem pensar em si, no rigor com que levava os filhos aos pés de Cristo através do culto doméstico praticado com regularidade, e à Igreja, domingo após domingo [...]”(GALERIA DAS...,1972,p.26).

E ainda nos coloca que, “[...] tinha como objetivo o lar e a igreja” (GALERIA DAS...,1972,p.26), ou seja, no texto é nítida a indicação que a mulher, para ser exemplo, precisa ser dona de casa e bem religiosa. Aliás, os afazeres domésticos deveriam ser desempenhados para atender as necessidades da família e também não podiam comprometer os momentos de dedicação para com a Igreja. Vejamos a sentença em que relatasse que:

Sua hora devocional era exercida com pontualidade e regularidade. Mesmo quando todos os filhos estavam em casa, ela servia o almoço à sua grande família e, logo após, subia para seu quarto onde ficava no seu exercício espiritual [...]”(GALERIA DAS...,1972,p.26).

Além de reforçar a importância da maternidade, os textos acima destacam a relevância de que a Mulher cuide da casa, dos filhos, do marido e ainda desempenhe suas atividades religiosas. Cabe destacar que ambas revistas traziam nas páginas finais um espaço destinado às receitas. Juntamente com as receitas há sempre um conselho indicando a necessidade de que a Mulher cozinhe para a família. O homem, nas duas revistas aparece como um assessorio, alguém que pode colaborar, quando quiser e puder, com a Mulher.

Toda a educação dos filhos, como podemos ver, também é de competência da mulher e nunca do homem. Educação que deveria introjetar os valores da fé cristã, tal como indicado na sentença: “levava os filhos aos pés de Cristo através do culto doméstico”, indicada trechos acima. Cabia assim, a Mulher oferecer a sólida formação moral dos filhos.

Teoricamente, esse formato de Mulher, de organização familiar, foi comum no Brasil até meados dos anos 60. Nos anos 70, esse padrão começou a ser alterado, porém, não foi hegemônico em todas as famílias, como podemos supor analisando a representação contida na Revista. Louro (2002) nos indica que partindo das mudanças processadas no formato de organização familiar no Brasil, sobretudo a partir de meados dos anos 20, vemos que a Mulher é requisitada como elemento chave para garantir a sobrevivência dos filhos e também viabilizar uma sólida formação moral aos mesmos. As Mulheres deveriam ser “[...] diligentes, honestas, ordeiras, asseadas, e a elas caberia controlar seus homens e formar novos trabalhadores e trabalhadoras do país” (OP.CIT.,p.447).

A ideologia em pauta retrata a Mulher idealizada pela família burguesa, mas que também encontrou assento na família pobre. Essa Mulher, além de exemplo moral, deveria possuir habilidades natas que viabilizariam o casamento e o cuidado da prole. As prendas domésticas, para muitas mulheres seriam a principal exigência, visando um casamento. “Tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram considerados deveres exclusivamente femininos” (RAGO, 2002, p. 626), e caso a Mulher não desempenhasse esse papel, estaria comprometendo o desenvolvimento da nação.

A Mulher de referência às formulações burguesas tinha pleno domínio de todas as prendas domésticas, era econômica com os recursos do marido, e era, sobretudo, submissa. A boa Mulher não era exigente e nem dominadora, uma vez que isso era muito ruim ao casamento e a educação dos filhos. A boa Mulher não falava sobre sexo, não sentia prazer e somente o praticava para a procriação, uma vez que:

Para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, a sagrada missão feminina, da qual dependia não só a continuidade da família, mas o futuro na nação (RAGO, 2002, p.633-634)

Revistas como essa reforçam um padrão de Mulher submissa, dependente do marido, obrigada a ter filhos e a cuidar da casa. Reforçam como positiva a imagem da Mulher que não deveria estudar, nem trabalhar, pois seu objetivo era apenas o filho e o marido. A Mulher que além de tudo deveria ser útil a Igreja Presbiteriana. A Revista propaga um ideal de Mulher em que fortalece a sujeição feminina, a resignação e cria uma expectativa de uma Mulher idealizada, sonhada, sem defeitos, aspirações e desejos. Representa assim uma violência simbólica, subliminar que vai tecendo suas teias e envolvendo a Mulher fundando uma subjetividade tal que é difícil diluir.

E mais, representa um grande descompasso entre o Movimento Feminista, já bastante expressivo no Brasil, e a Mulher representada na Revista. Descompasso esse que pode vir em decorrência da própria vinculação da Igreja Presbiteriana Independente em relação ao Estado Brasileiro. A medida que a Igreja estimula esse perfil feminino, colabora com os ideais liberais que sustentavam o Estado até então e chega mesmo a atribuir à Mulher a responsabilidade pela “estruturação das famílias” e conseqüentemente para o fortalecimento do projeto desenvolvimentista do Estado.

Assim, temos uma produção agressiva, assentada em valores patriarcais e na suposta superioridade masculina, que, por natureza, nasceu para não oferecer qualquer colaboração à mulher dentro de uma organização familiar.

3 CONCLUSÃO

Analisando a produção da Revista Alvorada conseguimos inferir que há uma representação da Mulher que deve ser preparada para o casamento. Para isso, as habilidades domésticas não são opções, mas requisitos fundamentais, e, necessários tanto para a Mulher burguesa, quanto para a Mulher pobre. De posse de tais habilidades, deverá a mulher exercer o cuidado da casa, dos filhos, do marido. Todas as necessidades da família devem ser por ela atendidas que, também deve viabilizar uma sólida formação moral aos filhos, assentada nos princípios religiosos.

A perspectiva da Revista Alvorada encontra assento na sociedade brasileira, em que temos já constituídas relações familiares de base extremamente patriarcal e na qual não estão representados os direitos da Mulher, mas sim a sua sujeição ao homem e aos valores sociais tidos como aceitos na época. Além disso, a Revista funciona como um dispositivo de fortalecimento das relações de dominação e das relações agressivas com as quais os Movimentos Feministas tanto buscaram embate e desconstrução. Aliás, as reivindicações do Movimento Feminista parecem inexistir no universo da revista. Ora, pensando a produção teórica como representativa de um grupo só pode-se supor o quão latente é a ideologia burguesa e a violência psicológica em uma Revista de Igreja que, deveria, ainda mais retratar a igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. A. de Mulheres e Imprensa: passado e presente *IN* RIBEIRO, A.P.; HERSCHAMANN, M. **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

ANTONIO, C.A. **Revistas Femininas e a Plasticidade do Corpo**: a Progressiva Modelagem Comunicativa. 2009. 142 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade) – Faculdade Cásper Líbero – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, 2009.

ALVES, A.C.F.; ALVES, A.K. da S. As trajetórias e lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres. **IV Seminário CETROS**: Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi.

BITTONI, D.S. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CORREIA, M. A Missão da Mulher Presbiteriana *IN* **Revista da Mulher Presbiteriana Independente. Retalhos de Londrina**, São Paulo, v. 01,p.02, jan./mar.,1972.

FONSECA, C. Ser mulher, mãe e pobre *IN* DEL PRIORI, M.; **História das Mulheres no Brasil. São Paulo**: Contexto, 2002.

GALERIA DAS HEROÍNAS DA FÉ. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente. Retalhos de Londrina**, São Paulo, v. 01,p.26, jan./mar.,1972.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. IN DEL PRIORI, M.; **História das Mulheres no Brasil. São Paulo**: Contexto, 2002.

O QUE É O ESPOSO É O PAI. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. São Paulo, v. 03, p.20, jul./set.,1979.

RAGO, M. Trabalho Feminino e Sexualidade. IN DEL PRIORI, M.; **História das Mulheres no Brasil. São Paulo**: Contexto, 2002.

ROCHA, M.H. da S. **De 1969 a 2009: a evolução dos padrões corporais a partir das tendências de moda**. Um estudo de Claudia e Nova. 2011. 148 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Jornalismo – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SILVA, M.A.M. De Colona a boia-fria IN DEL PRIORI, M.; **História das Mulheres no Brasil. São Paulo**: Contexto, 2002.

WOITOWICZ, K.J.; PEDRO, J.M. O Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. **Dossiê gênero, feminismo e ditaduras**, Ano X, n. 21, 2º. Semestre 2009.